

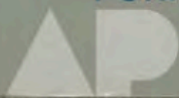
# TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas  
de LUIZ FRANCISCO REBELLO



BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES



Este é o primeiro volume que se publica de uma série de antologias em que se reúnem peças em um acto, através das quais se projecta uma imagem dinâmica do teatro português, das origens até aos nossos dias.

Neste volume, que abarca a primeira metade do século xx, recolhem-se 28 peças de autores das mais diversas tendências, desde Marcelino Mesquita a Carlos Selvagem, passando por Manuel Laranjeira, Júlio Dantas, André Brun, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, António Ferro, Raul Brandão, António Patrício, Branquinho da Fonseca e Ramada Curto.

A peça num acto, pela necessidade de concentrar a acção, desenvolvê-la e resolvê-la, definir e situar as personagens, numa reduzida dimensão de tempo e espaço, constitui a pedra de toque de qualquer dramaturgia. Esta série de antologias traz-nos a prova da diversidade e vitalidade do nosso teatro.

Faculdade de Letras de Lisboa



ULFLOM00074



1 002051 550007



# TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas  
de LUIZ FRANCISCO REBELLO

— 1. — De Henrique de Almeida e Gil Vicente até aos nossos dias, é possível seguir, com elevado grau de aproximação, a trajetória da dramaturgia portuguesa através de peças em um só acto — e a isso dá-se este livro de antologia, por enquanto circunscrito ao século XX, em que estão representados, com muito poucas excepções, todos os grandes nomes da nossa literatura teatral, a par de outros que, não sendo tão grandes, nem por isso contribuíram menos para que ela existisse, contra ventos e mares, ao longo dos tempos. Porque nada há de mais errado do que limitar a história teatral de uma figura cineasta e de suas obras maiores; a actividade cultural não se esgota nelas e as suas fronteiras tendem a dilatar-se cada vez mais. O seu estudo ficaria imediatamente incompleto, e portanto desiguando, se amputado de textos e objectos considerados (com ou sem razão) menores, e até de manifestações a que pertencem (e preconceitivamente) se não reconhece o estatuto de culturais, mas pelas quais se definem o gosto, os hábitos e as tendências dominantes de uma época. Não estranha, pois, o leitor se encontrar, neste e nas demais volumes que não publicar-se, nomes e títulos que lhe não são familiares. Il-lu-do são para um público que entretanto desapareceu, e isso media concorreram para que se não quebrasse a continuidade de uma praxis que, entre nós, sempre esteve ameaçada de ruptura por toda a espécie de conjunções.

— 2. — A recolha abrange apenas peças em um acto, quais foram de que os nossos mais remotos dramaturgos escreveram e de então para cá, quase todas (um António Ferreira, um Francisco Manuel de Melo, contam-se entre as raras e ilustres excepções; e quanto ao gadeu, o episódio da ilha dos Lagartos é uma verdadeira peça num acto, encastada na Vida do Grande D. Quixote) são incluído na sua bagagem teatral. Parece assim ficar desmentida uma afirmação, muitas vezes citada, de Galvão de Almeida, para quem a concepção própria e inventividade de

temas portugueses

## PREFÁCIO

1. *De Henrique da Mota e Gil Vicente até aos nossos dias, é possível seguir, com elevado grau de aproximação, a trajectória da dramaturgia portuguesa através de peças em um só acto — e a isso aspira esta série de antologias, por enquanto circunscrita ao século xx, em que estarão representados, com muito poucas excepções, todos os grandes nomes da nossa literatura teatral, a par de outros que, não sendo tão grandes, nem por isso contribuíram menos para que ela subsistisse, contra ventos e marés, ao longo dos tempos. Porque nada há de mais errado do que limitar a história literária às suas figuras cimeiras e às suas obras maiores; a actividade cultural não se esgota nelas e as suas fronteiras tendem a dilatar-se cada vez mais. O seu estudo ficaria inevitavelmente incompleto, e portanto desfigurado, se amputado de sujeitos e objectos considerados (com ou sem razão) menores, e até de manifestações a que geralmente (e preconceituosamente) se não reconhece o estatuto de culturais, mas pelas quais se definem o gosto, os hábitos e as tendências dominantes de uma época. Não estranhe, pois, o leitor se encontrar, neste e nos demais volumes que vão publicar-se, nomes e títulos que lhe não são familiares: tê-lo-ão sido para um público que entretanto desapareceu, e nessa medida concorreram para que se não quebrasse a continuidade de uma praxis que, entre nós, sempre esteve ameaçada de ruptura por toda a espécie de contingências.*

*A recolha abrange apenas peças em um acto, quais foram as que os nossos mais remotos dramaturgos escreveram e, de então para cá, quase todos (um António Ferreira, um Francisco Manuel de Melo, contam-se entre as raras e ilustres excepções; e quanto ao «Judeu», o episódio da ilha dos Lagartos é uma verdadeira peça num acto, encastoadada na Vida do Grande D. Quixote) têm incluído na sua bagagem teatral. Parece assim ficar desmentida uma afirmação, muitas vezes citada, de Fialho de Almeida, para quem a «concisão nervosa, a intensidade de*

## ANTES DE COMEÇAR

### PERSONAGENS:

A BONECA.

O BONECO.



*Depois de subir o pano, ouve-se um tambor que se vai afastando. Quando já mal se ouve o tambor, o Boneco levanta-se e vai espreitar ao fundo para fora. Entretanto a Boneca senta-se e está admirada de ver o Boneco a andar. Quando o Boneco volta para o lugar, fica admirado de ver a Boneca sentada a olhar para ele.*

O BONECO — Tu também te mexes como as pessoas?!

A BONECA (*muito baixinho*) — Schiu!...

O BONECO — Só agora é que dei por isso!

A BONECA (*idem*) — Schiu!...

O BONECO — Todas as noites puxo por ti e tu és sempre uma boneca!!!

A BONECA (*idem*) — Schiu!...

O BONECO — Eu julgava que de nós dois, era eu só que podia mexer-me!

A BONECA (*sempre muito baixinho*) — Eu também julgava que de nós dois, era eu a única que podia mexer-me!

O BONECO — E nunca me sentiste a puxar por ti, todas as noites?

A BONECA (*idem*) — É que eu julgava que era o Homem que puxava por mim!

O BONECO — E tu? Puxaste por mim alguma vez?

A BONECA (*idem*) — Nunca... nunca experimentei puxar por ti... Eu tinha pena, se ao puxar por ti, tu não te mexesses. Por isso nunca experimentei!...

O BONECO — Pois eu, todas as noites, quando o tambor do Homem já vai muito longe, levanto-me e vou espreitar para fora...

A BONECA — Nunca te vi assim!... Às vezes, sentia puxarem por mim mas julgava que era o Homem... e deixava-me estar boneca...

O BONECO — Se eu soubesse que tu eras como eu!

A BONECA — Se eu soubesse que também tu eras assim!

O BONECO — A culpa é tua! Eu bem puxei por ti, todas as noites!

A BONECA — Que pena! E eu que não adivinhava que eras tu! Olha, Boneco, perdoads? Tu não imaginas como eu sou tímida!...

O BONECO — É asneira!...

A BONECA — Schiu!... Não fales tão alto!

O BONECO — Não está ninguém lá fora! Eu nunca me levanto sem ter pensado primeiro se está alguém lá fora!... Só depois de ter pensado bem é que eu me levanto... E até hoje, ainda ninguém deu por nada... nem tu!

A BONECA — É verdade, nem eu...



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

Alameda, 10000 Lisboa

Alameda, 10000 Lisboa

Alameda, 10000 Lisboa

Alameda, 10000 Lisboa

Alameda, 10000 Lisboa

## ÍNDICE

Alameda, 10000 Lisboa

Alameda, 10000 Lisboa

Prefácio, de LUIZ FRANCISCO REBELLO.....	7
MARCELINO MESQUITA — <i>O Tio Pedro</i> (1902).....	15
MANUEL PENTEADO — <i>Lei-San</i> (1903).....	31
JORGE SANTOS — <i>A Festa da Actriz</i> (1903).....	45
AUGUSTO DE LACERDA — <i>Terra Mater</i> (1904).....	59
MANUEL LARANJEIRA — <i>Às Feras</i> (1905).....	103
MÁRIO GOLLEN — <i>Os Degenerados</i> (1905).....	141
EMÍDIO GARCIA — <i>Os Que Furam</i> (1905).....	155
JÚLIO DANTAS — <i>Mater Dolorosa</i> (1908).....	179
CARRASCO GUERRA — <i>O Triunfo</i> (1908).....	203
URBANO RODRIGUES E VÍTOR MENDES — <i>O Camarim</i> (1910).....	225
BENTO MANTUA — <i>O Álcool</i> (1912).....	247
ANDRÉ BRUN — <i>Cavalheiro Respeitável</i> (1914).....	273
PEDROSO RODRIGUES — <i>A Cilada</i> (1914).....	297
PONCE DE LEÃO — <i>A Onda</i> (1915).....	311
FERNANDO PESSOA — <i>O Marinheiro</i> (1915).....	331
ABREU E SOUSA — <i>Penélope</i> (1919).....	347
ALMADA NEGREIROS — <i>Antes de Começar</i> (1919).....	361
RAUL BRANDÃO — <i>O Doido e a Morte</i> (1923).....	379
ANTÓNIO PATRÍCIO — <i>Judas</i> (1924).....	397
VASCO MENDONÇA ALVES — <i>Viva da Costa!</i> (1925).....	403
VITORIANO BRAGA — <i>Lua-de-Mel</i> (1928).....	427
CHAGAS ROQUETE — <i>O Trivial</i> (1928).....	445
BRANQUINHO DA FONSECA — <i>A Posição de Guerra</i> (1928).....	455
ANTÓNIO FERRO — <i>A Mulher Fatal</i> (1928).....	467
JOÃO PEDRO DE ANDRADE — <i>Continuação da Comédia</i> (1931).....	479
RAMADA CURTO — <i>Três Gerações</i> (1931).....	497
ALICE OGANDO — <i>A Prima Tança</i> (1934).....	513
CARLOS SELVAGEM — <i>Balada de Outono</i> (1945).....	527



Esta edição de  
*Teatro Português em Um Acto (1900-1945)*  
foi executado na  
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA  
com uma tiragem de mil exemplares.  
Orientação gráfica do Gabinete Editorial da INCM.  
Capa de Armando Alves.  
Como vinheta utilizou-se desenho da autoria de  
Branquinho da Fonseca, extraído da peça  
*A Posição de Guerra*, edição da *Presença*, 1928.

Acabou de imprimir-se  
em Outubro de mil novecentos e noventa e sete.

ED. 42 000 952  
CÓD. 205 155 000  
ISBN 972-27-0867-8

DEP. LEGAL N.º 115 805/97